

## Faleceu o professor Dante Costa

O Jornal. Rio, 15 out. 1968

Faleceu, ontem, na Casa de Saúde Santa Lúcia, o professor Dante Costa, médico, escritor e jornalista, autor de vários livros científicos e de ficção, figura destacada dos meios literários brasileiros, autor de "Itinerário de Paris", "Israel-Terra Viva", que foi premiado pelo governo israelense, "Os olhos nas mãos", volume de crítica e, na sua especialidade, "Tratado de Alimentação", "Bases da Alimentação Nacional", "Sensualismo Alimentar" e "Alimentação na Amazônia".

Professor da Faculdade Nacional de Medicina, pela qual se formou aos 22 anos, fazendo, a seguir, um ano de especialização em Paris, Dante Costa era uma personalidade apreciada por seu extraordinário bom-gosto, como conhecedor de correntes artísticas e intelectuais e companheiro dos grandes escritores e poetas contemporâneos, que nele admiravam o seu senso de análise, o seu discernimento, entusiasmo e otimismo. Membro de diversas entidades científicas e culturais internacionais, representou o Brasil em várias missões no exterior, sendo a última no Japão, em princípios deste ano. Era vice-presidente do IBICC — Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura. Um dos títulos de que mais se orgulhava era o de nutrólogo, tendo sido um dos fundadores do SAPS e o criador dos Cursos de Nutrição, em que formou várias turmas de especialistas para o Brasil e países vizinhos.

Nascido em Baião, no Estado do Pará, de tradicional família descendente do marquês de Santa Cruz, filho de Angyone Costa e Ana Seixas Nascimento Costa, Dante Costa contava 56 anos e era casado com dona Germana Cos-



Professor Dante Costa ..

ta, irmã de dona Iolanda Faria Lima, esposa do prefeito de São Paulo, que veio especialmente ao Rio para assisti-lo. Deixa dois filhos, a dra. Flávia Maria Dante Costa e o estudante Guilherme Costa, assim como duas irmãs, sras. Lea Angyone Costa Galvão, casada com o dr. Edberto Galvão, professor de Direito, e Ieda Angyone Costa, casada com o dr. Luís Alfredo de Moraes Barros, advogado do Banco do Brasil.

O enterro realizou-se às 17 horas, de ontem, no Cemitério de São João Batista, com a presença de grande número de amigos, especialmente dos meios intelectuais e científico, tendo à frente o sr. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, Pedro Calmon, Magalhães Júnior, Levi Carneiro, além de representações da Escola Central de Nutrição, do Ministério da Saúde, da Confederação Nacional da Indústria e outras entidades.

# Meu Adeus Ao Poeta De Belmonte

Gazeta de Notícias Rio,  
23 nov. 1968

Florêncio Santos

E depois que ele se foi o meu primeiro pensamento deveu-se ao cenário da praça da Matriz em Belmonte, com aquela frondosa amendoeira, a velha mangueira e os cajueiros a cuja sombra nos abrigávamos em nossa juventude creta de sonhos. Afloraram, então, à minha mente lembranças liricamente doces do poeta maravilhoso que já despontava, tão cedo, em Sosigenes, que teria aquela época, treze anos, pois um ano antes saíramos, ele e eu, da escola primária do professor Lúcio Coelho, um pedagogo de boa estirpe.

A inspiração brotava-lhe exuberante, mas, exigente, como era, continha os impulsos, e os sonetos e redondilhas ao tórculo da forma, fiel à advertência de Bilac:

"Quero que a estrofe cristalina  
Dobrada ao jeito  
Do ourives, saía da oficina  
Sem um defeito".

E a sua modesta oficina ficava numa saleta onde havia uma antiga escrivaninha e sobre ela um pequeno vaso dourado no qual o poeta colocava flôres, diariamente, as flôres que ele tanto amava.

O vaso mereceu até um soneto do qual apenas guardei estes dois versos:

"Não parece este vaso um louro anão  
Que carregasse o próprio coração?"

O coração a que ele se referia eram as flôres, que representavam carga demasiada para o bôjo reduzido do vaso.

Sosigenes lia muito e tinha um velho Caldas Aulete manancial para opulentar o seu vocabulário. Lia Coelho Neto, Bilac, Olegário Mariano, os clássicos portugueses, Lobato e os autores modernos, cujos livros, chegavam a Belmonte através da pequena livraria do barbeiro Cursino Leite. "Exaltação", de Albertina Berta, mereceu do artista atenção especial. Entre os poetas em voga, Hermes Fontes era o seu predileto, sabendo de cor vários poemas das "Apoteoses" e do "Ciclo da perfeição". Raul de Leoni e Castro Alves também o empolgavam, bem como Martins Fontes e Vicente de Carvalho embora não sofresse influência de nenhum deles.

:):(:

Contive-me para não chorar ao vê-lo no esquite, inertes e pálidas as suas longas mãos como se fossem palomas surpreendidas pela tempestade. A destra, que tantas belezas escreveu, como aquela inigualável "Balada" para Sinhá Loló, a preta humilde que tão bem conheci, mesmo na terrível imobilidade da morte ainda nos dava a impressão de que se animaria, espiritualizaria na tentativa de mais um poema; como aquela memorável "Búfalo de fábula" ou a "Pomba da paz", de sentido universal.

As mãos de um poeta. As mãos criadoras de beleza de um artista como Sosigenes Costa... Porque não teve alguém a iniciativa de modelá-las em argila eleita para a posteridade, ou melhor, para eternidade? Lois Fuller, a célebre bailarina, criadora genial de verdadeiras maravilhas com o movimento e a luz e cujas danças feéricas tiveram seus efeitos luminosos estudados, cientificamente, por Camille Flammarion, organizou, há mais de 30 anos, em sua própria residência, em Neully, com a ajuda de Augusto Rodin, uma original coleção de mãos das mais ilustres personalidades mundiais. E assim passaram a fazer parte de tão original museu, entre outros, as mãos do famoso Carden Mercier, sustentando, no alto, um crucifixo, numa invocação de paz, mas do Marechal Jeffre, o vencedor do Marne, as da rainha Elizabeth da Grécia, da rainha Maria da România, as do próprio Flammarion, tôdas eternizadas nês atitudes em que eram modeladas a fim de figurarem na galeria da notável bailarina dos jogos da luz.

Acreditamos que as mãos de um poeta como o belmontense Sosigenes também poderiam ser modeladas e integradas as peças de um museu tão singular, consti-

tuido de personalidade que semearam a Beleza ou lutaram pela Paz universal e se destacaram como criaturas e criadoras, fazendo jus ao reconhecimento da humanidade.

:):(:

Entre outras recordações do meu convívio com o poeta quero aqui lembrar que, juntos fundamos um pequeno jornal, o quinzenário, "A Luz", do qual ele era um dos redatores e eu redator, revisor, tipógrafo e impressor. Os dois ainda nos transformávamos em jornalheiros, pois entregávamos o periódico de porta em porta aos assinantes, todos gente conhecida e simples de cidadezinha do interior. Sosigenes publicava poemas e perfis em versos de jovens da sociedade belmontense, sob o pseudônimo de "Virgínio Amarante". Para mim ele próprio escolheu os de "Alberto Hélio" e "Florido". Nos seus breves retiros na fazenda da Ingauira, no Jequitinhonha, ele se nutria de solidão e silêncio e dali me enviava cartas e sua colaboração para "A Luz". Lá, ao que parece, ao influxo da natureza que o cercava, a inspiração brotava-lhe mais impetuosa, e o seu lirismo jorrava num esbanjamento delicioso, reascendendo-se em novas etapas e traduzindo-se em poemas mais aprimorados.

"Os dois bois da fazenda ao sol poente  
Ficam, no pasto, a olhar, tão tristemente,  
Que uma tristeza divina se sente  
E a saudade martiriza a gente".

Estes versos são o início de um poema em distico, elaborado na Ingauira, e que não foi incluído na "Obra Poética". Dezenas de cartas eram trocadas entre nós, algumas delas com referências às nossas namoradas. Ele gostava de uma Adélia eu de uma Lúcia. Meia dúzia destas cartas, datadas de 1918, ainda as conservo e agora as considero como reliquias.

Guardo também de memória uma quadrinha que ele fez, de improviso, para servir de epitáfio ao túmulo de uma linda boneca humana. Era loura, menina ainda e chamava-se Inêsinha. Irmã de um amigo comum, Umberto, descendente de imigrantes italianos. Toda a cidade sofrera um impacto com a morte da criança e o poeta, a caminho do cemitério rodeado de cajueiros floridos, ali mesmo fez os versos tão comoventes:

"Chorão que choras tão forte  
Não chores que aqui estou;  
Não faças chorar na morte  
Quem na vida não chorou..."

Há cerca de um ano, quando fui visitar Sosigenes em companhia de Epaminondas Pontes e Epaminondas Brasil da Silva (Emmo Duarte também iria conosco, mas ficou doente) recitei os versos para o poeta e ele, surpreendido, disse com simplicidade, que "já não se lembrava deles..."

Não me parece exagero comparar a morte de um poeta à morte de um cisne. Porque ambos têm a mesma destinação na terra: morrer cantando... Aliás, o saudoso Olegário Mariano, em "A morte do cisne", que Sosigenes gostava de declamar, em Belmonte, já assinalava essa analogia.

"... Enquanto a noite acende as estrelas em bando,  
Ele bebe com o olhar de poeta adolescente  
As estrelas do céu para morrer cantando..."

Estou quase certo de que pelo menos um pensamento poético deve ter aflorado à sua mente, no seu instante extremo, talvez para os crepúsculos violáceos da terra belmontense; e, naquela mesma hora, aquele vento sul tão temido deve ter açoitado, com suas mãos invisíveis, as árvores da praça, num ritmo solene de sinfonia, produzindo a maior esfolhada jamais vista na cidade, numa homenagem da natureza à cigarra que partia cantando...

Sosigenes, adeus!